

O Golpe Militar de 1964 e sua Preparação e Repercussão em Criciúma

Claudionor Lima Pirola

claudionor.p@ibest.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo pretende fazer uma análise da repercussão do golpe civil militar de 1964 na cidade de Criciúma, Santa Catarina. Primeiramente buscando analisar como o Jornal Tribuna Criciumense noticiava o governo de João Goulart e o posterior Golpe de Estado, além das relações de classe da classe dos trabalhadores mineiros e a empresa mineradora na cidade. Analisando a conjuntura de Criciúma na década de 1960, busco compreender como o golpe civil militar na esfera federal interferiu e abalou a dinâmica das relações na cidade de Criciúma. Através da nova história política, buscarei compreender como o novo regime buscava se legitimar perante a sociedade, e quais os interesses e projetos eram defendidos pelo Jornal Tribuna Criciumense.

Palavras-Chave: História de Criciúma; Golpe Civil Militar; Tribuna Criciumense; Sindicato dos mineiros.

Abstract: This article aims to analyze the impact of civil-military coup of 1964 in Criciúma. First trying to analyze how the Tribune Criciumense Journal reported the government of Joao Goulart and after the 1964 coup, trying to understand through the new political history, as the new regime sought to gain legitimacy in society. And using two dedicated bibliographies, and the newspaper Tribuna Criciumense, try to analyze what has changed in Criciúma with the military coup and thus seek to understand the context of Criciúma in the 1960s and how the military coup in federal interfered and shook the town of Criciúma .

Keywords: History of Criciúma; Civil Military Coup; Criciumense Tribune; Miners' union.

The impact and preparation from the 1964 Military Coup on Criciúma

Em dia 31 de março de 1964, se dava a chamada do processo que iniciou ao movimento militar que viria derrubar o governo de João Goulart e instaurar a ditadura civil militar brasileira por duas décadas¹. A historiografia oficial trata este fato analisando os movimentos dos grandes

¹ O golpe não pode ser entendido exclusivamente como sendo realizado pelos militares, pois alguns setores da sociedade civil (Elite Orgânica) estavam articulando o golpe a um considerável tempo, e além de apoiarem o golpe, deram sustentação ao governo militar. Ver: DREIFUSS, René Armand. Ação de classe da elite orgânica In: *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987; e Ver: FICO, Carlos. *Além do golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 15-67.



personagens, como João Goulart e seu governo considerado “enfraquecido”, contando com a interferência estadunidense no apoio a iniciativa golpista, etc. Porém, estes são apenas alguns dos aspectos que tornaram o golpe civil militar possível, mas são elementos que pensados isoladamente não dão conta da complexidade composta pelo processo histórico². Como salienta a historiadora Sandra Jatahy Pesavento em seu livro, “História e História Cultural”, a perspectiva teórico-metodológica proposta pela História Cultural “trouxe novos aportes ao político, colocando questões renovadoras e sugerindo novos objetos”³. Anteriormente, a análise política tradicional visava o estudo dos grandes líderes e dos grandes feitos, contudo, com as contribuições da história cultural surge a Nova História Política, que se propõe a buscar entender que a esfera política não está dissociada das outras esferas da sociedade, e para um regime, ser possível e se manter, é preciso que este seja plausível para a sociedade e consiga minimamente se legitimar e fazer parte do imaginário social. Então, aportes conceituais como as noções de imaginário, representação, produção e recepção entram em cena para fornecer novas ferramentas ao historiador.

A cidade também passa a ser outro campo de pesquisa importante, como nos lembra Pesavento: “Não se estudam apenas os processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem sobre a cidade”⁴. E ao estudarmos o Golpe Militar de 1964, começamos a lembrar que é nos centros urbanos que uma considerável parcela da população brasileira vivia, trabalhava e criava sua representação sobre si, sobre a própria cidade, e sobre seu país. É na cidade que o golpe é sentido e vivido no cotidiano de muitas pessoas. E é esta esfera, da cidade, mas particularmente na cidade catarinense de Criciúma, que tento analisar a construção de um imaginário sobre o golpe, e as mudanças advindas com o mesmo, que atingem de perto a vida das pessoas.

René Armand Dreifuss, em sua consagrada obra “1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe”, mas especificamente em seu capítulo sobre a elite orgânica⁵ salienta que haveria na campanha de desestabilização do governo de João Goulart, e com o Instituto de Estudos e Pesquisas Sociais (IPÊS) e Instituto Brasileiro de Ação Democrática

²Para se ter um panorama historiográfico sobre o assunto recomendo ver: FICO, Carlos. *Além do golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004, pp. 15-67.

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, Campos Temáticos e fontes: Uma aventura da História. In: *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.72

⁴ Ibidem, p. 77-7.

⁵ DREIFUSS, René Armand. Ação de classe da elite orgânica In: *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987



(IBAD), uma construção por parte da elite orgânica brasileira de uma propaganda ideológica, que visava disseminar suas ideias e preparar o golpe civil militar. Segundo Denisse Assis, que também estudou os filmes do IPES:

Havia um golpe em marcha. Uma elite coesa em torno de seus bens disseminava pelo País através do Instituto de Estudos e Pesquisas Sociais (IPÊS), competente propaganda contra o governo e pretendia que nós, menores inocentes, ainda com hóstias presas nos dentes, levássemos para casa sua mensagem de repúdio a ele. Era o ano de 1962 e o presidente João Goulart contrariava seus interesses⁶.

Ao estudar o Jornal Tribuna Criciumense, não obtive provas que sugerissem uma íntima relação com o IPÊS ou IBAD, de quem trata Dreifuss e Denisse Assis. Mas ao analisar os artigos apresentados nos jornais sobre o governo João Goulart e a “Revolução” de 1964 (como fala o jornal), notei uma grande similaridade entre os filmes e iniciativas de propaganda geridas pelo IPÊS, e os artigos da Tribuna Criciumense. Isso me levou a conjecturar que mesmo, não havendo uma possível intenção proposital, de preparar o golpe militar, o jornal, como veículo de comunicação em massa, possivelmente ajudou a construir um imaginário social negativo sobre o governo Goulart, identificando-o como possivelmente comunista, e ajudou a construir um disfarce democrático para o recém regime ditatorial instaurado com o golpe militar.

Um importante trabalho, que trata do aspecto metodológico de se utilizar periódicos como fontes históricas é a proposta de Tânia Regina de Luca em “*História dos, nos e por meio dos periódicos*”⁷. Neste capítulo Tânia Regina de Luca traz a história da historiografia e suas mudanças advindas com a História Cultural, apontando como os periódicos começaram a ter relevância como fonte para a história.

A Tese de doutoramento de Arnaldo Coutiner, *Imprensa e ideologia em São Paulo* (1973), já indicava esse caminho ao valer-se da linguística e da semântica para estudar o vocabulário político-social presente num conjunto de jornais publicados entre o fim do Primeiro Reinado e o início da Regência (1827 e 1835) e identificar os matizes da ideologia dominante num momento de acirrada disputa pelo controle dos quadros políticos e burocráticos da nação recém-independente⁸.

⁶ASSIS, Denise. *Propaganda e Cinema a serviço do Golpe, 1962-1964*. Rio de Janeiro: MAUAD/Faperj, 2001. p.17

⁷LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

⁸Ver: LUCCA, Tânia Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 118. É com esta perspectiva metodológica de análise, que realizei



O proprietário do Jornal Tribuna Criciumense, segundo José Paulo Teixeira⁹, era José Pimentel, que além de advogado era o fundador e vereador da União Democrática Nacional (UDN) de Criciúma na década de 1950. Além disso, José Pimentel foi presidente da Associação Empresarial de Criciúma (ACIC), de 1951 até 1955. José Paulo Teixeira, em seu livro “Os Donos da Cidade” analisou de forma interessante o que seria a ACIC, e como esta entidade servia como “Organização Militante dos Empresários”, de Criciúma. Sobre a eleição de José Pimentel, Teixeira nos fala que:

Na verdade, a eleição de Pimentel na Associação significou, em parte, a influência da UDN sobre a entidade, na medida em que Pimentel, além de se identificar com os interesses industriais (leia-se, dos grupos mineradores e cerâmicos liderados na época pelos Freitas) e a UDN, em oposição aos interesses dos comerciantes, liderados na época por Elias Angeloni, do PSD, partido que exercera hegemonia em Criciúma no período getulista, isto é, entre 1930 a 1945¹⁰.

Estas informações, sobre o proprietário da Tribuna Criciumense, e sua posição partidária favorável a UDN, além de sua atuação política na defesa dos interesses industriais/mineradores de Criciúma, através da sua atuação na ACIC, nos ajuda a entender os interesses que Pimentel defendia e como possivelmente utilizava o jornal como ferramenta de divulgação de propaganda de suas ideias partidárias. Por ser fundador da UDN em Criciúma, possivelmente ele deveria ter um forte contato com a UDN Estadual e possivelmente Nacional. Ou seja, talvez nesta ligação partidária poderia conter um vínculo com o que Dreifuss chamou de “Elite Orgânica”, que teria preparado o terreno para o Golpe Militar. É importante lembrar que a UDN, é considerado um partido golpista, que havia a um bom tempo tentado tomar o poder pela força, e representava principalmente os interesses da classe média alta e dos ricos (em um resumo bem simplista sobre a UDN).

No artigo da historiadora Joana Maria Pedro, sobre “Imagem femininas na formação da elite de Desterro” ela utiliza como principal fonte de pesquisa os periódicos de Desterro do final

minha análise sobre o Jornal Tribuna Criciumense. Ou seja, busquei me valer da lingüística e da semântica para estudar o vocabulário político-social presente no jornal Tribuna Criciumense e observar assim, a perspectiva de cidade e país adotada pelo jornal, durante o conturbado início da década de 1964.

⁹TEIXEIRA, José Paulo. O Empresário como sujeito Político In: *Os Donos da Cidade*. Florianópolis: Insular, 1996.p.126

¹⁰ Ibidem, p.126



do século XIX¹¹. Este exercício nos fornece um ótimo exemplo de instrumentalização teórica metodológica em como analisar periódicos como fonte histórica. Ao analisar a consolidação da nova elite em Desterro, oriunda principalmente do comércio, uma das características analisadas por Joana Pedro nos periódicos da época era que, se construía neste jornal o modelo ideal de mulher, moral, comportamento etc.

Percebemos que em Criciúma há também a construção de um modelo ideal para a sociedade. E que no caso Criciumense (no limite deste artigo), seria a construção de um ideário político. Ou seja, o jornal Tribuna Criciumense buscava através de artigos relacionados à política construir um modelo liberal de sociedade, anti João Goulart e a favor das empresas mineradoras, na tentativa de construir um imaginário social favorável aos seus ideais.

Um exemplo disso é um artigo do Jornal Tribuna Criciumense de 26 de Junho a 6 de Julho de 1963: O título da manchete era “O Povo é Contra a Reforma”. Neste artigo de duas páginas, o que primeiramente chama atenção é o título da matéria, tentando se utilizar da palavra “povo” como se a opinião dos editores do jornal representasse o pensamento da população. O jornal se coloca como porta voz de uma maioria, que ele evoca, e que busca legitimar assim seu posicionamento sobre as reformas de base, que estavam sendo colocadas em prática pelo presidente João Goulart. Não era assim o jornal, a UDN ou a elite brasileira, mas o Povo que era contra as reformas de base (mais precisamente a reforma agrária). Ou seja, para legitimar as suas ideias, o jornal precisou se “camuflar” e simbolicamente se colocar como representante do “Povo”. Logo, sua opinião ganha status simbólico de verdade, e não poderia ser questionável. Ou alguém gostaria de dizer abertamente que era contra o “Povo”?

Neste mesmo artigo, se trata as reformas pretendidas pelo governo como ilegais, anti-religiosa e caminhando para o Comunismo:

Ora, perguntamos ao Sr. Goulart: com que direito, ou, baseado em que lei (divina ou humana) a terra deve pertencer a quem trabalha? Com essa lógica, chegaríamos à conclusão de que as fábricas pertencem aos operários, as casas aos pedreiros, e carpinteiros que as construíram ou a seus inquilinos, à maneira do que acontece em Cuba no regime Catrista, no primeiro momento da revolução. Dizemos primeiro momento porque logo a seguir tudo passou para as

¹¹ PEDRO, Joana Maria. Imagens femininas na formação da elite de Desterro. In: *Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe_2* ed. Florianópolis: UFSC, 1998, pp.17-50.



mãos do Estado, como não poderia deixar de acontecer num país de regime comunista. Onde iríamos com esse raciocínio?¹² (...).

Ora, novamente temos uma forte relação com o que Dreiffus, definiu como política de desestabilização do governo visando preparar o golpe e disseminar o medo do Comunismo e a ideologia burguesa. Primeiro se questiona no artigo a legitimidade legal, da reforma agrária, que contrariaria até a “lei de Deus”. Outro ponto a ser ressaltado é que, pela lógica do artigo, ele busca levar o leitor a ver que o Brasil caminhava nitidamente para uma Revolução Comunista. E fecha o parágrafo, insinuando que a lógica da reforma agrária levaria aos primeiros momentos vividos na Revolução Cubana. Ou seja, se tenta induzir que além, de contrariar a lei Divina e Humana (propriedade privada), a reforma de base, seria pela lógica, de caráter comunista, e o Brasil estaria assim caminhando inevitavelmente para uma “Nova Cuba”. É simplesmente genial a forma, como é escrito este parágrafo, de forma a tentar levar o leitor a chegar a essa conclusão, caso siga a lógica do artigo.

É claro que isso não significa que o artigo tenha atingido seu objetivo e que todos os leitores tenham se alienado, pela opinião do jornal. Mas está bastante nítida a tentativa de se construir através do Jornal Tribuna Criciumense, um imaginário social que olharia o Brasil e Criciúma como a beira do comunismo ateu, onde algo precisaria ser feito. As sementes do golpe estariam sendo plantadas em Criciúma?

Além deste artigo, fica claro o posicionamento ideológico do jornal quando analisamos alguns artigos de 1961 a 1963, que tratam de assuntos da política local de Criciúma, mais precisamente os conflitos dos mineiros com as empresas mineradoras. Mas antes disso é preciso falar um pouco da conjuntura social de Criciúma na década de 1960 e seus conflitos.

Uma das grandes forças econômicas de Criciúma foi à extração de carvão. Riqueza está que foi a força motriz para o desenvolvimento da cidade e da região. A indústria carbonífera começou a ser mais importante para o Brasil durante a 1ª Guerra Mundial, onde impossibilitado de importar o carvão, o governo brasileiro teve que investir na indústria carbonífera nacional e substituir assim a sua importação. Mesmo sendo de qualidade inferior, o carvão catarinense era estratégico para assegurar a auto-suficiência do Brasil neste mineral, importante para a indústria energética e de Base. Por causa desses fatores, José Paulo Teixeira, salienta que a implantação da

¹² Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Jornal Tribuna Criciumense, 26 de Junho a 06 de Julho de 1963.



indústria carbonífera de Criciúma e região ganhou força com o governo de Getúlio Vargas, a partir da década de 1930, onde o estado lançou mão de várias concessões (com chamado “estado patrimonialista”), e incentivos como a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Estrada de Ferro Maria Tereza Cristina, e garantido a compra de um percentual do carvão sul Catarinense¹³.

Devido a sua importância estratégica, o carvão e a indústria carbonífera passam a ser de grande importância a região, e os “donos” desta indústria, como a família Freitas, Guglielmi etc. passam a lutar politicamente para garantir a supremacia da indústria carbonífera na cidade (e as concessões do governo), usando para isso os cargos políticos e os meios de comunicação para impor seus pontos de vista e seus interesses. Mas como nos lembra Terezinha Gascho Volato, em sua obra “A pirita Humana”¹⁴, para a extração carvão ser possível era necessário a exploração da mão de obra mineira. Classe que está, que segundo Volpato, no cotidiano da vida nas minas, onde sofriam com a condição insalubre de trabalho, faltas de garantias de saúde e instabilidade levaram os trabalhadores a se organizarem na defesa de seus interesses e por melhores condições de trabalho. Segundo Volpato, o sindicato dos mineiros teve seu início em 1945, através do Ministério do Trabalho, e foi marcada até 1957 pelo “peleguismo”¹⁵. Ou seja, o estado controlava os sindicatos e servia como mediador dos conflitos entre a classe trabalhadora e empresarial. Mas a partir de 1957, com a eleição da chapa de oposição a chapa defendida pelos patrões, o Sindicato dos Mineiros de Criciúma entra em uma nova fase, marcada pela militância sindical mineira, em torno da defesa dos interesses dos trabalhadores mineiros.

O período compreendido entre dezembro de 1957 a 31 de março de 1964 representou, na história do trabalhismo sindical dos mineiros de Criciúma, a fase de militância na defesa dos interesses imediatos da classe operária mineira¹⁶.

Entre o final de 1957 e início de 1964, a cidade viveu uma sequência de cinco greves mineiras, momento histórico marcado por uma grande mobilização da classe mineira, e representou um período de intensa luta de classes em Criciúma. Esta seria a conjuntura social da

¹³ TEIXEIRA, José Paulo. *Os Donos da Cidade*. Florianópolis: Insular, 1996

¹⁴ VOLPATO, Terezinha Gascho, *A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. 1984.

¹⁵ VOLPATO, Terezinha Gascho, A organização do Trabalho Mineiro In: *A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. 1984.p.110-113

¹⁶ *Ibidem*, p. 114



indústria e da classe mineira, na década de 1960, antes do golpe militar. Porém tal conjuntura mudou bruscamente com o golpe.

Desta forma, notamos que na década de 1960, Criciúma vivia um momento de grande turbulência social, causado pela organização da classe mineira (bem articulada nacionalmente com o Comando Geral dos Trabalhadores - CGT) que lutava pelos direitos dos trabalhadores. Os jornais são nesse sentido, um importante meio de defesa de interesses das classes hegemônicas, na defesa de seus interesses. Apresentando-os como interesse geral.

Contudo, é preciso salientar que havia outro jornal em circulação em Criciúma na década de 1960. Tratava-se do “Jornal de Criciúma”, que infelizmente só está disponível no Arquivo municipal de Criciúma alguns exemplares da década de 1960, referentes ao ano de 1961/62. Em contraste ao Tribuna Criciumense, ele era voltado para a denuncia das péssimas condições de trabalho da classe mineira, e em favor da defesa e organização da classe mineira. Chamo atenção para o artigo de 31 de Dezembro de 1961, cujo título era “Grupo Catão: Coligas na Consciência”:

Os debochados <<alunos de Lupion>> afirmam que desconheciam as injustiças salariais praticadas em Lauro Muller!. De 16 de Outubro até ontem, pagavam-se nas empreitadas da companhia Carbonífera Barro Branco, CR\$ 12.224.000 ao invés dos CR\$ 14.112,000 exigidos pela lei. Antes de 16 de Outubro, os escravos brancos do feudo Catão, recebiam salários de até CR\$ 3,000,00 mensais!!!—Denúncia do <<jornal de Criciúma>>, provada e comprovada por uma carta estarrecedora do Sindicato dos Mineiros de Lauro Muller, dirigida ao delegado Regional e representante do Ministério do Trabalho em Criciúma, pedindo a imediata encampação das desumanas empreitadas de <<cadáveres>>-- Outras e maiores barbaridades são reveladas – Mineiros obrigados a assinar folhas de pagamento com salário legal, quando recebem m realidade muito menos (...) ¹⁷.

Nota-se claramente pelo tom da denúncia, o posicionamento político do Jornal de Criciúma. Segundo artigo de Alcides Goulart Filho e Ângela Maria Antunes do Livramento, “No Jornal de Criciúma, que circulou na região entre 1961 e 1963 e tinha uma influência do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), foram registradas várias denúncias sobre as condições de vida e os maus tratos que recebiam os mineiros em Lauro Müller” ¹⁸. Infelizmente não encontrei mais informações sobre este jornal.

¹⁷ Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Jornal De Criciúma, 31 de Dezembro de 1961.

¹⁸ Artigo disponível em <http://www.labhstc.ufsc.br/jornada.htm>. Artigo apresentado na II Jornada Nacional de História do Trabalho. Título do artigo: *O movimento operário mineiro em SC nos anos de 1950 e 1960*



Aliás, por causa destas denúncias e os graves problemas sociais na região, é instaurado em maio de 1962 o Grupo de Trabalho do Carvão, tendo como membro de coordenação o ilustre general Amaury Krueel. Enquanto o Jornal de Criciúmas nos artigos de 18 de março de 1962¹⁹ enfatiza o caráter investigativo e esperança de melhora da vida dos mineiros, o Jornal Tribuna Criciumense, além de se calar diante das denúncias de 31 de dezembro de 1961, trata o Grupo de Trabalho do Carvão, como advindo para solucionar a crise do carvão e ajudar assim a recuperação da indústria Mineradora, como fica claro nos jornais de março e abril de 1964. Outro ponto de discordância entre os dois jornais, é a criação do Sindicato dos Mineiros do Rio Maina.

O Jornal de Criciúma, em matéria do dia 21 de Dezembro de 1961²⁰, entre outras sobre o assunto, questionava a validade da iniciativa, como visando a divisão da organização mineira e instrumento ilegal, a mando do empresariado. Trazendo no jornal carta de apoio ao sindicato Mineiro de Criciúma (em repúdio a criação de outro sindicato) do Presidente do Sindicato dos Confes e consertadores de Carga e Descarga do portos de Itajaí e Florianópolis, o Sr: Valdevino Vieira Cordeiro. Já o Tribuna Criciumense, trazia no artigo de 08, de Abril de 1962²¹, matéria intitulada “Aprovada Oficialmente Sindicato dos Trabalhadores do Distrito do Rio Maina”, trazendo a alegria e satisfação de ser oficializado o tramite legal reconhecendo o Sindicato Mineiro do Rio Maina.

Segundo Volpato, depois de a chapa de oposição ao empresariado, encabeçada por Manoel Ribeiro e Jorge Feliciano ganharem a eleição para o Sindicato dos Mineiros de Criciúma, os empresários liderados por Diomício Freitas, buscaram construir outro sindicato em Criciúma, de cunho assistencialista, visando dividir os mineiros de Criciúma²².

As razões de ordem político-ideológicas são registradas na ata de criação da associação. Nos discursos ali proferidos são mencionados: a) colaboração entre patrões e operários, não havendo necessidade de sindicato “jogar os operários contra os patrões”; b) a finalidade da associação, de dar assistência aos associados, intervindo junto aos patrões; c) a criação da associação para livrar os operários “das garras do comunismo” e “dos elementos comunistas e agitadores” que dirigem o sindicato dos mineiros²³.

¹⁹Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Jornal De Criciúma, 18 de março de 1962.

²⁰Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Jornal De Criciúma, 21 de dezembro de 1961

²¹Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Jornal Tribuna Criciumense, 08 de Abril de 1961.

²²VOLPATO, Terazinha Gascho, A organização do Trabalho Mineiro In: *A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. 1984.p121-123

²³ *Ibidem*, p. 122



Com estas análises chega-se a percepção dos conflitos de classe que envolvia Criciúma no início da década de 1960. E tendo o jornal como veículo de comunicação, era utilizado pelas partes envolvidas para levar seu ponto de vista ou maquiagem as verdadeiras intenções como no caso do Tribuna Criciumense. É claro, que se faz necessário um estudo mais detalhado destes dois jornais e um aprofundamento da história de Criciúma neste período para além do conflito entre a classe mineira e mineradora. Porém, atendendo aos limites deste artigo e da importância político/econômica do carvão para Criciúma, já se percebe a luta, através dos periódicos da cidade, para se construir um imaginário social favorável a suas ideias, que no caso da Tribuna Criciumense seria os interesses da elite mineradora e visando o combate ao governo Goulart.

Além disso, o jornal Tribuna Criciumense tenta passar uma imagem benevolente das empresas mineradoras, como se nota no artigo de 05 de Fevereiro de 1962 cujo título era “Vinte por Cento: Aumento aos mineiros. Bonificação espontânea (sic), concedida aos mineiros com validade desde 1º de Dezembro de 1961²⁴”, que se busca transparecer que o aumento conseguido pela classe trabalhadora seria um ato de generosidade, e não uma conquista da classe trabalhadora, buscando assim, através deste subterfúgio lingüístico criar uma imagem positiva das empresas mineradoras. Isso se torna mais claro em muitos outros artigos, até mesmo depois do golpe, como o do dia 16 a 23 de Maio de 1964, cujo título era: “Mineiros: Novo aumento”²⁵, segundo o artigo o aumento teria sido conseguido por Sebastião Netto Campos, presidente do sindicato das empresas mineradoras. O jornal esquece de mencionar que nesta viagem ao Rio de Janeiro, uma delegação de Mineiros fez parte da delegação que iria reivindicar melhorias salariais.

A matéria dos dias 17 a 24 de Outubro de 1964, trazia a notícia de que “ Dep. Diómício Freitas reivindica melhor assistência e casa própria ao mineiro”²⁶. Causa estranhamento a notícia desta “benevolência” do Sr. Freitas, quando lembramos que ele era dono da Mineradora Metropolitana em sociedade com Sandro Guglielmi (e vários outros empreendimentos em Criciúma e Estado de Santa Catarina) e sempre lutou contra o sindicato Mineiro ativo de Criciúma, e sua mineradora foi constantemente acusada de péssimas condições de trabalho e

²⁴ Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Jornal Tribuna Criciumense, 05 de Fevereiro de 1962.

²⁵ Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Jornal Tribuna Criciumense, 16 a 23 de Maio de 1964.

²⁶ Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Jornal Tribuna Criciumense, 17 a 24 de Outubro de 1964.



salário. Ou seja, em todos os casos, o aumento salarial e conquistas da classe trabalhadora são passados como presentes conquistados pelos representantes das empresas mineradoras e não da pressão trabalhadora. Busca-se com esta sequência de artigos, passar uma imagem benéfica dos empresários do carvão, e negar o mérito destas conquistas a ação reivindicatória da classe trabalhadora.

Com o golpe Militar, o jornal Tribuna Criciumense notícia a vitória da “revolução”. É interessante analisar na matéria do jornal de 03 a 11 de abril de 1964, no jornal de 11 a 18 de abril e 1964, e no jornal de 30 a 06 de junho de 1964²⁷, títulos como “Democracia aplaudida em Criciúma”, “A revolução tem compromisso com a grandeza da Pátria”, “tudo calmo em Criciúma” (apesar da prisão de várias pessoas, suicídios de pais de família que veem seus filhos serem presos²⁸, da intervenção e prisões no sindicato Mineiro de Criciúma, da ocupação militar de Criciúma²⁹, etc.) Nota-se a construção perante a sociedade de uma máscara sobre o que está acontecendo no Brasil e Criciúma a partir de 01/04/1964. É instigante analisar tais artigos e observar que as palavras mais usadas são “revolução”, “compromisso com a democracia”, “democracia”, “defesa dos trabalhadores”. Ou seja, justamente o que não estava acontecendo.

Creio que seja importante em termos de dimensão histórica, pois percebemos a tentativa e importância de a elite civil militar que toma o poder, de se apresentar perante a sociedade como democrática e a favor da classe trabalhadora. Isso se torna mais evidente quando percebemos que jornais contrários ao golpe são fechados, e ganham os monopólios da informação “oficial”, os meios de comunicação que defendem e maquiagem com o véu da “democracia” e da “revolução” social, o golpe militar. Quando percebemos isso, entendemos a importância dos meios de comunicação antes do golpe, na campanha de desestabilização e depois do golpe com a maquiagem democrática e revolucionária que é investida aos golpistas. Talvez, compreendendo e levando em conta a importância destes discursos e dessa propaganda ideológica, possamos entender a imobilização (analisando em grande escala) da classe trabalhadora.

Em Criciúma com o golpe, o sindicato dos mineiros que tinha vivido nos anos da década de 1960 uma grande mobilização da classe mineira, sofre intervenção militar, seus principais

²⁷ Todas as edições estão disponíveis no Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura.

²⁸ Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Notícia registrada no jornal Tribuna Criciumense de 23 a 30 de maio de 1964. Suicídio do Sr. José Paulo Medeiros motivado pela prisão de seu filho. Apenas um entre outras notícias sobre suicídio no período de “estabilização” do golpe.

²⁹ Ver: VOLPATO, Terazinha Gascho, A organização do Trabalho Mineiro In: *A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. 1984.p123-135



líderes, como o presidente do sindicato mineiro Jorge Feliciano, são presos, e uma junta interventora, assume o controle do sindicato. “O sindicato dos mineiros de Criciúma esteve entre os primeiros a sofrer intervenção. Na segunda semana do golpe, o Ministério do Trabalho já havia nomeado a Junta interventora³⁰”.

Chamo a atenção neste ponto para duas questões: a primeira é que o Sindicato dos Mineiros de Criciúma era filiado ao CGT, e no dia do golpe, 01/04/1964, atendendo a convocação da CGT, estavam em mobilização para uma paralisação em protesto ao golpe militar, isso mostra o quanto o sindicato estava articulado nacionalmente. O segundo ponto a se destacar é a rapidez das mudanças vindas com o golpe. Já em dia 10/04/1964 havia ocorrido a prisão dos principais líderes e dirigentes sindicais de Criciúma. Em matéria do dia 9 a 16 de maio de 1964, o jornal Tribuna Criciumense, noticiava que estava sendo aberto inquérito na prefeitura, e a população poderia deletar possíveis integrantes da prefeitura ligados a qualquer ação que ferisse a Lei de Segurança Nacional ou:

No que se refere à atividade de agitações ou subversão a ordem pública ou institucional, seja por atos de iniciativa pessoal ou por insuflação de terceiros, através de contatos diretos ou de veículos de divulgação de qualquer espécie³¹.

Para tais mudanças rápidas serem possíveis, era preciso que houvesse minimamente uma organização golpista preparada e articulada nacionalmente para agir. E isso se notou com rapidez em Criciúma e em boa parte do Brasil. Para isso, a participação ativa da imprensa foi fundamental (assim como os famosos IPÊS E IBAD), para criar uma imagem comunista/negativa do governo Goulart e do trabalhismo, e maquiar o golpe com disfarces pró-sociais e democrático. O resultado em Criciúma, como no Brasil, foi a imposição através da força, do projeto político/econômico da elite orgânica Brasileira, que no caso de Criciúma significou a imposição para a classe mineira, dos desmandos dos mineradores que tiveram através do estado a garantia de seu projeto para a cidade. Assim, o projeto das classes trabalhadoras teve que ser redimensionadas ao campo da resistência ao desmando do Estado ditatorial.

Espero que este presente artigo auxilie na compreensão das conseqüências do golpe, , nas relações de classes da cidade, e que sirva de alerta e rememoração das conseqüências e

³⁰VOLPATO, Terazinha Gascho, Op.Cit. p. 125

³¹Disponível em: Arquivo Municipal de Criciúma, Casa da Cultura. Jornal Tribuna Criciumense,09 a 16 de Maio de 1964. Artigo de 5 de Maio de 1964, Quintino Rizzieri Presidente da comissão de Inquérito



mecanismos utilizados pelo grupo hegemônico para disfarçar as suas intenções e garantir, em boa parte, seu projeto político/econômico/moral que atendiam ao interesse dos mais ricos e esqueciam os interesses da maioria trabalhadora. Que sirva de alerta, para não cometermos o mesmo erro do passado, e identificarmos as lutas que devemos empreender no presente. Para não cairmos no imobilismo (em grande escala) de 1964, e para tomarmos posturas críticas em relação aos meios de comunicação (não aceitando totalmente sua visão de mundo/política/moral e costume/economia e sociedade), para lutarmos por um mundo mais livre, igual e utópico³².

REFERÊNCIAS

ASSIS, Denise. *Propaganda e Cinema a serviço do Golpe, 1962-1964*. Rio de Janeiro: MAUAD/Faperj, 2001.

FICO, Carlos. *Além do golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004, pp. 15-67.

FILHO, Alcides G.; LIVRAMENTO, Angela M. A. *O movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos de 1950 e 1960*. II Jornada Nacional do Trabalho. Disponível em: <<http://www.labhstc.ufsc.br/jornada.htm>>. Acesso em 27 de Junho de 2010.

DREIFUSS, René Armand. Ação de classe da elite orgânica In: *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

LUCCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PEDRO, Joana Maria. Imagens femininas na formação da elite de Desterro. In: *Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe_2* ed. Florianópolis: UFSC, 1998, p.17-50.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, Campos Temáticos e fontes: Uma aventura da História. In: *História e História Cultural_2*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TEIXEIRA, José Paulo. *Os Donos da Cidade*. Florianópolis: Insular, 1996.

³²Utópico, não no sentido negativo, que já foi largamente usado. Onde se identificava Utopia, como algo irrealizável, impossível, coisa de irrealista. Emprego o termo Utópico, no sentido de esperança por um mundo melhor, projetos que visam não reformas, mas a construção de algo o mais justo, igualitário, livre possível, não com a “cabeça na lua”, mas com os pés bem firmes no chão e nos problemas crônicos da sociedade, que devem ser superados custe o que custar, visando o melhor. Hoje em dia, é corrente ouvirmos a palavras, “as injustiças não têm jeito”, “o mundo tá ruim mais é o melhor que conseguimos”, vivemos em uma época onde a apatia política se faz presente em grande escala. Onde há um desinteresse da juventude pela política, por um projeto de mundo, pois tudo parece impossível. Creio que falta o lado Utópico nesta presente época, onde os sonhos são a grande força motriz das mudanças por um mundo melhor.



VOLPATO, Terazinha Gascho. *A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. 1984.

Fontes³³

Jornal Tribuna Criciumense

Tribuna Criciumense, 08 de Abril de 1961.

Tribuna Criciumense, 05 de Fevereiro de 1962.

Tribuna Criciumense, 26 de Junho a 06 de Julho de 1963.

Tribuna Criciumense, 03 a 11 de Abril de 1964

Tribuna Criciumense, 11 a 18 de Abril de 1964

Tribuna Criciumense, 09 a 16 de Maio de 1964

Tribuna Criciumense, 23 a 30 de Maio de 1964

Tribuna Criciumense, 30 a 06 de Junho de 1964

Tribuna Criciumense, 17 a 24 de Outubro de 1964.

Jornal de Criciúma

Jornal De Criciúma, 21 de Dezembro de 1961.

Jornal De Criciúma, 31 de Dezembro de 1961.

Jornal De Criciúma, 18 de Março de 1962.

*** Recebido em 06 de junho de 2010. Aceito para publicação em 29 de junho de 2012.**

³³ Todos os exemplares estão disponíveis em: *Casa da Cultura*: Professora Neuza Nunes Vieira. Endereço: Praça Nereu Ramos, N° 50. Criciúma/ SC. Telefone para contato: (048)3437-4106/3445-8840

